



José Gabriel Ávila*

Conto

Uma árvore às escuras

“As ornamentações de Natal eram uma atividade que os adolescentes, entre os 13 e os 15 anos gostosamente assumiam, mais não fosse para fazer esquecer os arranjos natalícios da casa de cada um, a recordação da festa em família e os presentes que o Menino Jesus nunca trazia.”

À memória do querido colega Pe Doutor Octávio Medeiros

Corria o ano da graça de 1962. Era Dezembro. O Natal aproximava-se. Ornamentar o enorme e frio salão de estudo, onde mais de quarenta miúdos permaneciam grande parte do dia sentados à secretária, era tradição que cabia aos do último ano da prefeitura, logo que se iniciavam as férias natalícias.

O silêncio religioso das horas de estudo, dava assim lugar à descontração barulhenta, às correrias e ao alegre convívio dos miúdos impedidos de ir a casa passar a Festa com a família.

Só os da Terceira estavam autorizados a deixar a “casa santa mimosa de Deus” como definia o Hino da instituição, durante as férias. Os outros, a maioria, ocupavam manhãs e tardes a jogar futebol. De vez em quando, saíam em passeio, de batina, romeira e chapéu preto, até ao Monte Brasil, para fugir ao movimento da baixa cidadina e do jardim público, onde alguns “pombinhos” selavam juras de amor, com fugazes carícias amorosas...

As ornamentações de Natal eram uma atividade que os adolescentes, entre os 13 e os 15 anos gostosamente assumiam, mais não fosse para fazer esquecer os arranjos natalícios da casa de cada um, a recordação da festa em família e os presentes que o Menino Jesus nunca trazia.

Numa tarde chuvosa, típica do inverno angrense, o Monte Brasil cobriu-se, uma vez mais de um hábito escuro, semelhante ao que estancava a veia poética do professor de português. Nesses dias, ninguém se atrevia as aulas a abrir o bico, pois o reputado orador, sem dar qualquer explicação, largava porta fora, chapéu enterrado na cabeça e capa atravessada nos ombros. Dessas e de outras manias e azedumes dos professores os garotos não se esqueciam e recordavam-nas em conversas perante o quadro das notas.

- Com este tempo chuvoso, não podemos nem sair em passeio, nem ir buscar musgo para o presépio – atalhou o Oliveira, após o almoço, ao inseparável grupo de amigos. -Vamos enfeitar o salão de estudo e a árvore!

A proposta agradou a todos. Os rapazes abraçaram-se e decidiram logo ao alpendre, junto à capela da Natividade, buscar o pinheiro que o padre prefeito encomendara ao Ti Jacinto.

Era uma criptoméria grande e pesada que só os quatro rapazes não conseguiam transportá-la, pela longa escala acima, até ao salão da prefeitura. Foi preciso chamar muitos mais miúdos. Gerou-se então uma algazarra e uma folia tal que o monitor – aluno mais velho de outra prefeitura, recatado e de poucas falas, apareceu e, devido à sua maior estatura, também deu uma estimável ajuda. O transporte da árvore foi acompanhado do cântico natalício “Oh venha já o dia da suspirada redenção” tão do agrado do Andrade que usava da ironia para contestar o ambiente fechado que se vivia na instituição.

Colocada no local onde iria ficar, o Oliveira perguntou:

-E agora? Onde estão os enfeites de Natal e as sanefas de luzes?

-Talvez o monitor saiba! – respondeu o Rodrigues.

-E se não houver nada, que fazemos? – atalhou o Lopes.

-Saímos e vamos lá fora, à Casa das Utilidades, que eles hão-de vender dessa m...- ripostou o Andrade, levando a mão à boca, como se tivesse proferido um palaráo pecaminoso.

Sem saber o que fazer, o grupo esmoreceu. A tarde, aos poucos escurecia. Dentro de duas horas os miúdos, com ar despreocupado e alegre, seriam importunados pela “cabra”, chamando-os à devoção da Novena.

- Se estivesse em casa- murmurava para consigo o Lopes - minha mãe já tinha trazido do sótão o caixote com as luzes e figuras do presépio e o meu pai estaria ajudando-nos a iluminar a árvore. Aqui é assim...Não se sabe do prefeito. Estamos sozinhos... O Natal é isto? Que tristeza!...

-E ainda querem que estejamos alegres e felizes – murmurou o Medeiros. -Esta gente não tem sensibilidade, nem nos compreende. Infelizmente!

Tristes, sem saber o que fazer e cansados daquele enorme salão, os miúdos começaram a intenciar uns com os outros.

Até que chegou o Prefeito - sotaina bem vincada e cabelo cuidadosamente penteado para trás, como se fosse ter um encontro especial.

- Os enfeites e iluminação da árvore estão guardados no meu quarto! – informou o Pe Manuel, com o habitual ar sisudo, quando interrogado sobre os objetos da ornamentação. - É assim todos os anos. Se não, vocês davam-lhes descaminho!...

No quarto do Padre Prefeito, raramente se entrava, a não ser que alguém fosse chamado “a capítulo” e nessa ocasião, a rapaziada tremia como varas verdes, porque era repreensão, castigo na certa ou até mesmo expulsão.

Passados instantes que pareceram uma eternidade, o Padre Manuel retirou um caixote velho, a desfazer-se e coloca-o do lado de fora da porta. - Está aqui! Cuidem bem desse material e não o estraguem, pois tem de servir para o ano!- E fechou a porta do quarto.

Os miúdos ouviram mas não ligaram importância.

- Natal é este ano. Para o ano o Menino há-de trazer mais!... – atalhou o Andrade.

O grupo mobilizou-se, imediatamente. O Oliveira distribuiu as tarefas e todos aceitaram. O Rodrigues ficou com a segurança da árvore. Arranjou martelo e pregos, não se sabe onde, mas o pinheiro ficou firme. Ao Andrade coube-lhe pendurar os postais, juntamente com o Medeiros e o Oliveira. Ao Lopes foi atribuída a instalação das sanefas com lâmpadas multicores. Ao contrário dos colegas ele dizia ser um conhecedor de eletricidade que aprendera nas aulas de Física do Pe Florentino.

-Vai ser fácil. O compêndio até apresenta um esquema de como fazer as ligações das lâmpadas em série e em paralelo. – procurava acalmar-se o Lopes.

Mas iria dar certo?

Os colegas observavam o colega com alguma desconfiança, enquanto ele, armado em electricista, ligava e trocava fios, enroscava lâmpada atrás de lâmpada, ciente de que ia iluminar a árvore de Natal e transformar aqueles dias de trementa saudade das famílias em momentos felizes.

Concluída a tarefa, e quando apenas faltava experimentar a geringonça, o rapaz virou-se para os colegas, mãos nos bolsos do guarda-pó, chamando a atenção para a inauguração das luzes.

- Ó Lopes, apertaste bem os parafusos? – perguntou o Andrade.

- Vê lá, não estragues o nosso trabalhinho...- acrescentou o Oliveira.

Lopes tremia como varas verdes. Era a sua primeira experiência no ramo da eletricidade. Faltava-lhe, porém, a prática e essa não se adquire de um momento para o outro.

-Vamos a isso!- gritou Oliveira. -Liga a ficha!

Naquele instante houve um clarão enorme na árvore e no quadro geral, seguido de um apagão e de um intenso cheiro a queimado. O curto-circuito desligara também a eletricidade do salão e a rapaziada respondeu, festivamente, com risos e palmas.

Lopes, ficou preso ao chão, junto à árvore, e não queria acreditar no insucesso da sua primeira experiência com eletricidade.

Serenados os ânimos e ligado o disjuntor geral, o miúdo tentou explicar aos colegas o seu erro fatal: em vez de ligar as lâmpadas em paralelo, tinha-as ligado em série. Pediu desculpas, mas o mal estava feito. As lâmpadas tinham rebentado todas.

Valeu que as ornamentações da árvore se mantiveram intatas, pois foram elas que, naquele ano, deram sentido às festas natalícias e superaram as enormes saudades das famílias.

<http://escritemdia.blospot.com>

*Jornalista c.p. 239 A